RAS JUNTA VÁRIAS VISÕES DO MESMO TEMA

Há mais vida para além dos 66

A Associação do Cansado acolheu a sessão

José Furtado
jose.furtado@reconquista.pt

A idade da reforma não é o fim dos desafios e pode até representar novas experiências, para o bem e para o mal. "E depois dos 66" foi o tema escolhido para uma noite de conversa na Associação do Bairro do Cansado, numa iniciativa do RAS- Reciclagem, Artes e Solidariedade, que convidou para a mesa gente ligada a áreas tão diferentes como a saúde, a religião ou a segurança.

Na saúde uma das principais ideias é "não cair na armadilha de não fazer nada", alertou Eugénia Grilo, enfermeira com trabalho numa área que é cada vez mais exigente para os profissionais de saúde, devido ao aumento da população maior de 65 anos. Eugénia Grilo defende que é fundamental que as pessoas participem ativamente na sociedade e que continuem a aprender ao longo da vida, encontrando projetos que ajudem a fazer uma transição suave da vida ativa para a reforma. Em Castelo Branco o exemplo maior é a Universidade Sénior Albicastrense, um projeto que envolve atualmente cerca de 650 alunos com mais de 50 anos, mais de 40 disciplinas e cerca de 60 professores. Nuno Machado é um deles. Este especialista em gerontologia social diz que a universidade sénior é muito mais que um projeto educativo, funcionando muito como um espaço de encontro entre pessoas. Esse papel foi alargado recentemente com a abertura de cinco polos da Usalbi fora da cidade de Castelo Branco, que concentram cerca de 250 alunos.

Para as forças de segurança os idosos são uma preocupação devido à vulnerabilidade mas também uma grande ajuda. José Pires Leonardo, o comandante da PSP de Castelo Branco, diz que o idoso tem papel importante na segurança porque conhece a comunidade e consegue interpretar o que é estranho, sendo uma boa fonte de informação. O programa Idosos em Segurança foi inovador dentro da PSP pela especialização, uma vertente que seria alargada com a criação do Escola Segura, entre outros projetos.

José Carlos Borga, que enquanto médico tem trabalhado ultimamente na área dos cuidados continuados, diz que as doenças de hoje são as mesmas que afetavam os avós. O que mudou foi a medicina, que permitiu que as pessoas não morram mais cedo. Os cuidados primários, como os prestados nos centros de saúde, tiveram um papel importante no atrasar das complicações. Os cuidados continuados, que são uma evolução dos últimos anos, vieram aumentar esse apoio durante a doença, contando com cerca de 400 camas no distrito. O número é ainda assim bastante insuficiente para as necessidades, avisa o médico.

Nuno Folgado encerrou a sessão com o olhar da igreja, que interpreta a velhice como um dom. O pároco de São José Operário sente que os idosos encaram a idade como um peso e não se reveem na figura que surge no espelho, virando muitas das vezes as costas à sociedade. O idosos têm também "seríssimas dúvidas de fé", algo que não é mau aos olhos da Igreja por que "ter dúvida é ter fé".